

ENTRE COMPLEXIDADE DISCURSIVA E INTOLERÂNCIA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS TEMAS E FIGURAS SOBRE O ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO NA *FANPAGE* DIREITA VIVE 3.0

Natália Silva Giarola de Resende*

 <https://orcid.org/0000-0001-7768-8091>

Conrado Moreira Mendes**

 <https://orcid.org/0000-0002-3721-8578>

Como citar este artigo: RESENDE, N. S. G. de; MENDES, C. M. Entre complexidade discursiva e intolerância: uma análise semiótica dos temas e figuras sobre o assassinato de Marielle Franco na *fanpage* Direita Vive 3.0. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1-14, set./dez. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD015760

Submissão: dezembro de 2022. **Aceite:** dezembro de 2022.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a complexidade discursiva dos discursos na internet e a intolerância acerca da constituição da alteridade. Toma como *corpora* comentários da *fanpage* no Facebook Direita Vive 3.0 relativos ao assassinato da ex-vereadora Marielle Franco, em 2018, sob a perspectiva da semiótica discursiva. Aborda, particularmente, como a complexidade discursiva, relativa à articulação entre língua falada e escrita, ligada aos temas e figuras dos discursos intolerantes, articula-se na formação da alteridade. Desse modo, a análise dos comentários mostra que é por meio de aspectos do discurso na internet, principalmente da escrita oralizada, que são constituídas estratégias de exclusão da alteridade, utilizando-se figuras que concretizam temas como a imoralidade do outro, o racismo e o antipetismo.

Palavras-chave: Complexidade discursiva. Discursos na internet. Intolerância. Temas e figuras. Marielle Franco.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: nati.giarola@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ O presente artigo analisa a relação entre a complexidade discursiva dos discursos na internet e a intolerância acerca da constituição da alteridade. Para tanto, elege, como objeto, os comentários das três primeiras postagens a respeito do assassinato da ex-vereadora Marielle Franco, em 2018, no Rio de Janeiro, veiculados na *fanpage* Direita Vive 3.0, hospedada no site de rede social Facebook. A escolha de tal objeto se deve ao fato de que, segundo Jorge Oliveira (2018), a morte de Marielle ocasionou uma série de discursos intolerantes nas redes sociais, sobretudo em páginas ligadas à orientação política de direita.

Segundo o site da vereadora (MARIELLE, [s. d.]), Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, era filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e foi a quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro nas eleições de 2016, com 46.502 votos. Conforme explica Magalhães (2019), Marielle era negra e bissexual, originária do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Em sua vida política, foi uma das relatoras de uma comissão criada em fevereiro de 2018 para monitorar a operação das Forças Armadas na segurança pública do Rio de Janeiro. Ela tinha como pauta política a denúncia da violência policial nas favelas cariocas e a defesa dos direitos humanos.

Durante seu mandato de vereadora, Marielle apresentou 13 projetos de lei, conforme Magalhães (2019). Além disso, foi presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, na Câmara Municipal, e participou de audiências públicas e debates sobre abuso de autoridade nas favelas cariocas, como no Complexo do Alemão. No dia 14 de março de 2018, Marielle e seu motorista, Anderson Gomes, foram assassinados no momento em que voltavam do evento Jovens Negras Movendo as Estruturas, quando tiveram o carro alvejado com 13 tiros, na zona central do Rio de Janeiro. Segundo Magalhães (2019),

[...] a noite de 14 de março começou feliz para Marielle Franco. Na Casa das Pretas, na Lapa carioca, ela coordenou a roda de conversa “Jovens negras movendo as estruturas”. Citou a poeta norte-americana Audre Lorde, negra, lésbica e feminista: “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes da minha”. Com o sorriso rasgado, a vereadora se levantou da cadeira e encerrou o encontro com um brado de estímulo às mulheres presentes ou que lhe assistiam pela internet: “Vamo que vamo, vamo junto ocupar tudo”.

Após o crime, a primeira hipótese conjecturada pela polícia foi de execução sumária, por encomenda, uma vez que as imagens mostravam o emparelhamento dos carros, quatro tiros certos na cabeça de Marielle e nenhum vestígio de assalto. Outra linha de investigação, segundo Magalhães (2019), foi a de que o crime teria sido encomendado pela milícia do Rio de Janeiro, que, conforme explica a autora, são agrupamentos paramilitares ilegais constituídos, principalmente, por policiais militares e ex-policiais militares. Como mencionado anteriormente, logo após a morte da ex-vereadora e do seu ex-motorista, em 2018, as redes sociais foram palco de proliferação de discursos intolerantes. De acordo com Oliveira (2018), a morte de Marielle Franco funcionou como um pavio para a explosão de discursos intolerantes na internet entre grupos do espectro político de direita e de esquerda no Brasil, uma vez que, para a direita, Marielle tinha

sido alvo dos bandidos que ela defendia e, para a esquerda, fora vítima de policiais e de milícias.

Quase um ano depois do crime, no dia 12 de março de 2019, os policiais da Divisão de Homicídios da Polícia Civil e promotores do Ministério Público prenderam o policial militar reformado Ronnie Lessa – acusado de disparar os tiros que mataram Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes¹ – e o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz – acusado de dirigir o carro na noite do crime. Além das prisões, foram apreendidos documentos, telefones celulares, *notebooks*, computadores, armas, acessórios, munição e outros objetos.

Diante do exposto, a pergunta que norteia este artigo é: qual é a relação entre a complexidade discursiva na internet, ligada à sobreposição de características da linguagem falada e escrita, e o discurso intolerante? Para responder à questão, apoiamos-nos no arcabouço teórico metodológico da semiótica discursiva, sobretudo, no que tange à complexidade discursiva (BARROS, 2015, 2016) e aos discursos intolerantes (BARROS, 2011), acerca da semântica discursiva do percurso gerativo de sentido. Desse modo, em um primeiro momento, discutimos a complexidade discursiva na internet, seguida dos aspectos da intolerância no campo da semiótica, com foco nos temas e nas figuras. Na continuidade, apresentamos as análises e os apontamentos finais.

A COMPLEXIDADE DISCURSIVA NO ÂMBITO DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Segundo Teixeira (2020, p. 28), nos últimos anos, a área dos estudos linguísticos vem desenvolvendo trabalhos direcionados às particularidades do funcionamento da rede, tais como os aspectos dos gêneros digitais, as características de informalidade e improvisação da linguagem, as modificações na escrita, a inserção de neologismos e estrangeirismos etc. No campo da semiótica, os trabalhos de Barros (2014, 2015) contribuem para compreender alguns aspectos do discurso na internet.

De acordo com Barros (2015, p. 18), o discurso da internet corresponde a uma “posição intermediária entre a fala e a escrita, caracterizando-se como um complexo², tanto fala, quanto escrita”. Desse modo, o discurso da internet articula uma relação da fala com a escrita em um mesmo espaço, tornando-se, portanto, complexo, pois reúne em si características de ambas as modalidades da língua. Outro ponto levantado por Barros (2015) é que tal complexidade pode ser notada, também, no nível discursivo, seja no tempo, no espaço ou nos atores. Posto isso, em relação ao tempo, a autora afirma que

Os textos na internet ocupam posições temporais sempre intermediárias entre os pontos extremos da fala e da escrita ideais, pois ora se aproximam da caracterização temporal ideal da fala, como nos bate-papos por computador, que não são planejados antecipadamente, apresentam traços de reelaboração e são fragmentados, ora da escrita, como na troca de e-mails, em que, em geral, não há concomitância temporal, nem marcas de formulação (BARROS, 2015, p. 16).

1 Cf. Freire et al. (2019).

2 De acordo com Greimas e Courtés (2016), o termo complexo pertence à terceira geração dos termos categoriais do quadrado semiótico, sendo constituído pela relação “e... e”, advinda da reunião dos termos contrários. Para essa discussão, os autores utilizam os estudos de Brøndal (1966), que identifica a existência de termos complexos em diversas gramáticas de línguas naturais. A partir disso, Greimas e Courtés (2016, p. 78) evidenciam que há dois tipos de complexos, o positivo e o negativo, sendo que existe uma “dominância de um dos dois termos contrários que entram na sua composição”. Portanto, o termo complexo é a incorporação dos dois termos hipotéticos do quadrado semiótico (s1 + s2), ou seja, quando a relação de contrariedade se manifesta unida, isto é, a sobreposição dos dois termos.

Assim, um texto de bate-papo *on-line* tende à fala, enquanto o *e-mail*, devido, em grande parte, à sua formalidade, leva à escrita. Por ser complexa, essa articulação pode ser tanto positiva quanto negativa. Logo, a informalidade e a incompletude da fala são eufóricas, pois, de acordo com Barros (2015, p. 17), criam um efeito de discursos “mais francos, sinceros, subjetivos, cúmplices, atuais, novos, verdadeiros”. Em contrapartida, são negativas, pois geram discursos com “envolvimento excessivo, incompletos, mal elaborados e efêmeros” (BARROS, 2015, p. 17). A escrita também apresenta essa articulação, sendo positiva quando é vista como objetiva, completa e bem elaborada e negativa quando apresenta um excesso de formalidade e rigidez.

Já em relação ao espaço, segundo Barros (2015), há um efeito de presença em um mesmo contexto situacional, como um diálogo ou uma conversação. Conforme explica a autora, o espaço nos discursos complexos da internet remetem a uma definição de espaço

[...] ideal de fala e escrita, com efeitos de sentido de proximidade e de distanciamento, que podem ser valorizados positivamente como cumplicidade, envolvimento afetivo, emocional e corporal, no caso da fala, e como afastamento objetivo e racional, no da escrita (BARROS, 2015, p. 17).

Para além disso, a autora afirma que a relação entre os interlocutores e o contexto cria uma virtualidade de espaço, em que a internet medeia a presença virtual dos interlocutores e do contexto por meio de ordens sensoriais, visuais e auditivas.

Por fim, segundo Barros (2015), no âmbito da actorialização, a fala é concebida como uma cena de conversação, constituída coletivamente por falantes e ouvintes, havendo uma alternância entre eles. Em compensação, o texto escrito proporciona a individualização do escritor, sem alternância de papéis. Ambas, escrita e fala, geram efeitos de sentido, novamente, positivos e negativos, tais como descontração, cumplicidade, simetria e reciprocidade.

Outra característica do discurso na internet, de acordo com Barros (2015), são a autoria e o anonimato. Para tratar desse ponto, a semioticista recorre à articulação entre a sintaxe e a semântica discursivas. Conforme explica a autora, os procedimentos sintáticos propiciam efeito de aproximação e subjetividade. Entretanto, no componente semântico, os temas dos atores do enunciado são revestidos por figuras que têm por objetivo principal o pseudônimo. Disso deriva o anonimato, que possibilita o surgimento do sujeito da enunciação e, por vezes, do ator-narrador, voz delegada pelo enunciador, que não tem “a responsabilidade última do discurso que narra” (BARROS, 2014, p. 3664).

A discussão desses pontos conduz Barros (2014, 2015) para a questão do público e do privado na internet. Segundo a autora, “o discurso na internet define-se pelo termo complexo privado e público, ou seja, pela ruptura da oposição entre privado e público” (BARROS, 2015, p. 27). O público é da esfera da lei, da regra, e o privado, da esfera íntima, das preferências individuais. Logo, na internet, há uma quebra dessa lógica, tendo em vista que o privado é, muitas vezes, exposto e submetido ao público.

Desse modo, Barros (2016, p. 11, tradução nossa) afirma que o discurso da internet “deve ser entendido, portanto, como um discurso de conjunção concessiva entre contrários: fala (próxima, descontraída, incompleta, subjetiva), embora

escrita (distante, formal, completa, objetiva), ou escrita, embora fala”. Logo, o discurso da internet apresenta seus sentidos exacerbados, uma vez que possibilita a interação entre fala e escrita, resultando em uma interatividade intensa, marcada por uma grande extensão.

A INTOLERÂNCIA

No campo da semiótica discursiva, a intolerância é compreendida por meio da unidade mínima identidade *versus* alteridade (BARROS, 2011), na qual um *eu* impõe suas crenças, isto é, um *fazer-criar* de seus valores a um *outro*, que é visto como um intruso. Vale ressaltar que esse *eu* só existe em contato com o *outro*, mesmo que mediado por diferenças. Logo, a intolerância é manifestada por meio de uma desaprovação de crenças e, sobretudo, pelo poder de impedir que o diferente aja de acordo com os seus valores.

Nesse sentido, Barros (2011) propõe quatro procedimentos de construção dos discursos intolerantes, a saber: 1. um discurso predominantemente de sanção; 2. um discurso passional; 3. um discurso com elaboração dos temas e das figuras do discurso, que levam a uma exposição de determinações ideológicas; e 4. a formação de valores pela tensividade. Nosso interesse, neste artigo, é a construção dos temas e figuras. Segundo Fiorin (1998), o tema diz respeito ao investimento semântico de natureza conceitual e não remete ao mundo natural. Desse modo, eles são categorias que permitem organizar, classificar, ordenar os elementos do mundo natural. Já as figuras são “todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2014, p. 91).

Barros (2011) explica que os discursos intolerantes apresentam, em sua maioria, temas que remetem à oposição semântica de base igualdade *versus* diferença e/ou identidade *versus* alteridade. A partir dessa oposição, vários temas e figuras são constituídos conforme as diferenças étnicas, religiosas, políticas e outras. A autora elenca quatro procedimentos recorrentes que elaboram os percursos temáticos e figurativos dos discursos intolerantes, a saber: a animalização do outro, a antinaturalidade do diferente, o caráter doentio do diferente, a imoralidade do outro.

No primeiro caso, no percurso temático da animalização, são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais aos seres humanos, com o intuito de desumanizar o “outro”, retirando os traços semânticos que o constituem como humano. Segundo Barros (2011), esse percurso é encontrado, sobretudo, em discursos racistas e homofóbicos. Assim, a utilização de figuras animais, como “macaco” e “gorila”, para se referir a pessoas afrodescendentes é um exemplo desse tipo de percurso.

Ao ser colocado como antinatural, no segundo tema apontado por Barros (2011), o *outro* é visto como uma anomalia. Segundo Bueno (2020, p. 47), essa anormalidade ocorre quando o *eu* estabelece um “suposto padrão social e cultural que é quase sempre universalizado pelo sujeito intolerante”. Logo, o diferente é considerado anormal, enquanto os iguais são vistos como normais. Um exemplo é a homossexualidade, que é compreendida pelos sujeitos intolerantes como contrária à ordem natural estabelecida pela Bíblia e pela biologia.

O terceiro tema adota a concepção de que a diferença do *outro* é algo doentio:

[...] a doença é encarada como algo vergonhoso, de que o doente deve sentir-se culpado. Ao tema da saúde, soma-se, muitas vezes, o estético. Dessa forma, a doença é feia, é esteticamente condenável, e, por outro lado, ser feio ou gordo é doentio (BARROS, 2011, p. 266).

Alguns exemplos, elencados por Bueno (2020), são os discursos intolerantes contra surdos, cegos, obesos, portadores de necessidades especiais e, também, a acentuação negativa de certas características físicas de uma pessoa.

Por fim, os discursos tematizados pela imoralidade estabelecem o *outro* como promíscuo, vergonhoso e socialmente inadequado (BUENO, 2020). Nesse caso, o sujeito é visto como imoral; supõe-se uma possível falta de ética da alteridade, como a homossexualidade, citada por Barros (2011), que, para um suposto *eu*, é vergonhosa e inaceitável. Logo, os discursos intolerantes se constituem pelo desenvolvimento temático-figurativo que recai sobre ele, tendo sempre como referência o *outro* que não respeita o padrão social normativo e hegemônico e que, por isso, deve ser tratado como animal, antinatural, anormal, doente e imoral. Esses temas são figurativizados das mais diferentes formas, mas, relacionados, na maioria das vezes, com a oposição de base do nível fundamental igualdade ou identidade e diferença ou alteridade, como podemos notar nas análises que seguem.

COMPLEXIDADE DISCURSIVA, SEMÂNTICA DISCURSIVA E INTOLERÂNCIA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

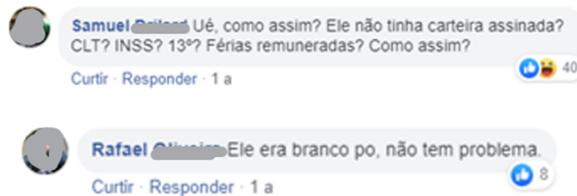
Durante o período do pós-assassinato da então vereadora Marielle Franco, a *fanpage* Direita Vive 3.0 apresentou-se como um dos principais *clusters* (nuvens de influenciadores) de direita no Facebook, o que justificou a escolha da página³. Contudo, desde o final de setembro de 2020, a *fanpage* não está mais disponível. Até a última data acessada pelos autores deste artigo, em agosto de 2020, ela tinha 633.196 seguidores, com data de criação em 14 de novembro de 2013, e sua descrição continha apenas o seguinte enunciado “página voltada para a direita brasileira”.

Os primeiros comentários analisados referem-se à postagem do dia 15 de março de 2018, um dia após o assassinato da ex-vereadora Marielle Franco. Ela é composta por um texto sincrético (verbovisual). Na parte visual, há a imagem do motorista Anderson Gomes, também assassinado no atentado; já no texto verbal há o enunciado da *fanpage* “Esse sim morreu por ser pobre”⁴. Observe-mos alguns dos comentários (Figura 1).

Ao retornarmos à concepção de Barros (2015), de que o discurso na internet é marcado pela complexidade discursiva, em que, embora escrito, o discurso apresenta características da fala, conseguimos resgatar marcas de oralidade nas expressões “ué” e “po”, que são características do discurso falado. Mais do que isso, nos dois casos, a utilização das expressões “ué” e “po” ressalta a ironia nos comentários. De acordo com Fiorin (2020), essa figura de linguagem se apresenta como duas vezes em conflito, sendo uma o inverso da outra, uma inversão semântica.

3 Os dados para essa afirmação foram retirados da tese de doutorado de um dos autores deste artigo, Natália Silva Giarola de Resende (2022), intitulada *Interação e intolerância em torno do assassinato de Marielle Franco nas fanpages Direita Vive 3.0 e Jovens de Esquerda: uma abordagem semiótica*.

4 Optou-se por apenas descrever o conteúdo das postagens, uma vez que o objetivo não é as analisar, mas, sim, os comentários.

Figura 1 – Comentários 1

Fonte: Direita Vive 3.0 ([s. d.]).

No caso dos comentários em análise, os enunciadores se valem dessa figura retórica para inverter pautas defendidas pelo espectro político de esquerda, a saber: a igualdade social e econômica. Essas pautas podem ser notadas nos temas apresentados nos comentários, como os direitos trabalhistas, expressos em figuras como “CLT”, “INSS”, “férias remuneradas” e “13º”, e o racismo, notado na figura “era branco”. Há, portanto, uma inversão semântica em que uma pauta defendida pelos negros, por exemplo, os números elevados de assassinatos e a baixa remuneração de pessoas negras, concretiza-se no ator motorista Anderson, que era branco. Ao fazê-lo, direciona-se ao que é chamado de “racismo reverso”.

Sobre o tema racismo, cabe um aprofundamento. De acordo com Santos (2016), o racismo é um fator predominante para a intolerância. Para o autor, o racismo refere-se a uma predisposição mental com base no etnocentrismo, isto é, em um grupo que considera determinados valores da sociedade universais e, por isso, acreditam em uma superioridade cultural e ideológica. Esses valores raciais, por sua vez, têm como origem o conceito de que a raça determina a cultura, da qual advém a superioridade racial, “pois a história demonstra que a cultura ocidental serviu de instrumento de dominação como, por exemplo, durante o Imperialismo” (SANTOS, 2016).

Assim, o “racismo reverso” surge como uma subversão dos conceitos do racismo, principalmente devido ao medo de os negros tomarem posições de “prestígio da classe branca dominante”. Schwarcz (2019) explica que, desde a escravidão, tem havido exclusão de grande parte da população negra de locais de prestígio social, inclusive no que concerne aos direitos à saúde, à educação, ao trabalho, à moradia e à segurança – direitos constitucionais. Assim, quando os negros alcançam posições altas na sociedade, na perspectiva do “racismo reverso”, eles prejudicam socialmente os brancos, que sempre estiveram no “topo da pirâmide social” (SCHWARCZ, 2019, p. 30). No caso em análise, os comentaristas assumem uma posição de estar do lado superior e cujas relações sociais devem ser determinadas de acordo com seu ponto de vista, sua ideologia, logo, ocorre “racismo reverso”, pois os negros, como Marielle, estão adentrando no campo de poder de *eu*.

Observemos outro comentário retirado dessa mesma publicação, de 15 de março de 2018 (Figura 2).

Figura 2 – Comentário 2

Fonte: Direita Vive 3.0 ([s. d.]).

Destacamos nesse comentário o espaço ocupado pela expressão “TODA VIDA VALE, NEM MAIS NEM MENOS”. Nele, temos o que Gomes (2020) denomina ampliação espacial, característica do discurso na internet. Assim, o comentarista utiliza letras maiúsculas para propiciar uma ampliação do espaço na página. Isto é, há um movimento de expansão, que impõe maior visibilidade espacial à frase, salientando que todas as vidas são importantes e merecem ser tratadas de forma igual.

Percebemos, portanto, uma sanção do sujeito observador, que acredita que a mídia, ao dar importância apenas à morte de Marielle, invisibiliza a morte do motorista assassinado. Além disso, o uso da expressão em letras maiúsculas evidencia mais uma marca da complexidade do discurso na internet, em que há uma incorporação da oralidade na escrita digital, simulando um grito. Logo, há um texto redigido como escrita, mas com traços da oralidade. A mesma noção de espaço pode ser vista na Figura 3.

Figura 3 – Malha de comentários 3

Fonte: Direita Vive 3.0 ([s. d.]).

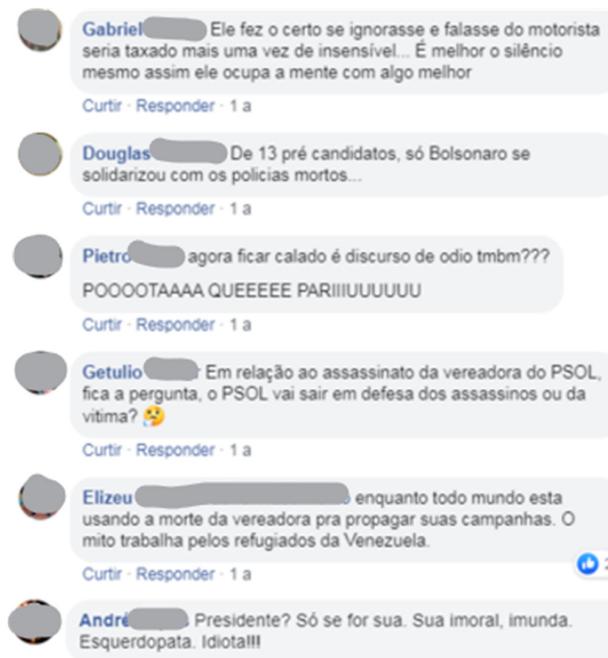
Notamos, na Figura 3, um movimento de expansão, que impõe maior visibilidade ao comentário, que apresenta um texto sincrético, ampliando sua ocupação na página. Ao analisarmos o comentário em questão, podemos notar também que ele utiliza a abreviação “tnc” (tomar no cu), figura que indica o uso de uma linguagem grosseira e obscena. O uso de palavras de calão, de ironias, de expressões escritas em letras maiúsculas e de imagens ampliadas, que, por vezes, não são possíveis de serem vistas inteiras na página, evidencia um juízo de valor de desqualificação do outro, que é moralmente reprovável.

Esses aspectos utilizados evidenciam marcas do excesso, característico do discurso da internet (BARROS, 2015). Assim, o uso dessas estratégias argumentativas está mais direcionado a relações afetivas e subjetivas que a argumentos credíveis. Os enunciadores dos comentários se julgam detentores da verdade, portanto, dignos de crença para instaurarem a sua verdade sobre a temática da minimização do assassinato da Marielle, por meio de figuras que sancionam os seus pontos de vista.

Os comentários analisados a seguir pertencem à segunda postagem realizada pela Direita Vive 3.0 sobre o assassinato da ex-vereadora. Constituída por um texto sincrético, a publicação apresenta a foto do então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro, com o seguinte enunciado: “Bolsonaro mais uma vez mostrando que é diferente, que não precisa fazer da morte de uma pessoa um PALANQUE POLÍTICO”. A frase refere-se ao fato de que, dos 13 pré-candidatos ao pleito presidencial de 2018, apenas Bolsonaro não citou a morte de Marielle.

Vejam os comentários da Figura 4.

Figura 4 – Malha de comentários 4



Fonte: Direita Vive 3.0 ([s. d.]).

Os comentários da Figura 4, ao fazer uso de letras maiúsculas, de repetição de letras e, também, ao exceder o uso sinais de pontuação, como reticências, exclamações e interrogações, geram uma incorporação da oralidade na escrita digital, simulando uma alteração na entonação da voz e nas pausas. Em “POOOOTAAAA QUEEEEE PARIIIIUUUUUUU”, por exemplo, vemos, além do uso de letras em caixa alta, a repetição do o, a, e, i e u, como forma de simular uma entonação oral. Essa simulação dá às trocas interacionais realizadas, no espaço comentário, contornos semelhantes aos das conversações orais. Mais do que isso, essas expressões materializam figuras que concretizam o tema da minimização da morte de Marielle Franco, manifestadas por meio de outras figuras, como “motorista”, “PSOL”, “Venezuela”, “policías mortos”, “campanha” e “vereadora”.

Ainda sobre as figuras, é necessário ressaltar que, nos demais comentários, existe a reincidência de algumas figuras derivadas de neologismos, a saber: esquerdopata e esquerdolixo. Observa-se que a criação dessas novas palavras ocorre via composição por meio de aglutinação, em que existe a suspensão de elemento fonético, como é o caso de esquerdopata (esquerda + psicopata) e esquerdolixo (esquerda + lixo). Assim, há uma ressignificação da palavra esquerda, que assume um valor disfórico, associada a críticas exacerbadas e frequentemente determinadas com adjetivações grosseiras.

A disforização da esquerda pode ser considerada um reflexo da polarização política vivenciada pelo Brasil desde as manifestações de 2013, a partir da qual ser chamado de esquerdista, pela perspectiva da direita, é xingamento. Mais precisamente sobre a palavra esquerdopata, César (2018) explica que o neologismo foi criado pelo jornalista Reinaldo de Azevedo para “referir-se àqueles que têm posicionamento político à esquerda, alinhado a pensamentos de justiça e bem-estar social, vinculando-o a uma patologia ou doença mental grave denominada como esquerdopatia” (CÉSAR, 2018, p. 314). Desse modo, há uma tentativa de patologizar a esquerda e seus apoiadores. Ou seja, a esquerda é uma doença que contaminou o Brasil durante anos e, portanto, precisa ser eliminada, de acordo com o ponto de vista da direita e, principalmente, da extrema direita.

Passemos para a análise dos comentários da última publicação proposta neste artigo. Trata-se de um texto sincrético, em que, na parte visual, há uma foto da ex-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), seguida da sua fala “Marielle tinha potencial para ser deputada, senadora, presidente da República”. Já no enunciado da postagem da Direita Vive 3.0 consta “ai já forçou em...”. Vejamos os comentários (Figura 5).

Observamos, na Figura 5, predominância de abreviações e, principalmente, do uso de palavras obscenas e grosseiras. Destacamos que o uso da informalidade da linguagem é uma das características da complexidade discursiva (BARROS, 2015). Isso porque a escrita informal no espaço do comentário é uma das características da linguagem oral. Notamos que essa informalidade pode ser observada em figuras como “fuder”, “pilantra”, “merda”, “bandida safada”, “ninguém conhecia”, “mártir”, “presidente”, “aborto”, “analfabeto pilantra”, “marionete”, “sanguessuga”, “quinto dos infernos”, “Lula”, “Dilma”, “Benedita”, “porta”, “partidos comunistas”, “mulher escrota”, “safada”, “governadora”, “Rio”, que levam ao tema da minimização da morte de Marielle. O percurso temático-figurativo que emerge é o da política, que é utilizado para sancionar negativamente o partido de esquerda PT e seus representantes, como os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, a ex-governadora do Rio de Janeiro Benedita da Silva e todos os filiados ao PT.

Figura 5 – Malha de comentários 5

Fonte: Direita Vive 3.0 ([s. d.]).

Por meio das análises dos temas e figuras, alcançamos a relação entre língua e sociedade e, por resultado, temos acesso à ideologia, uma vez que o campo semântico do discurso é responsável pela “determinação ideológica propriamente dita” (FIORIN, 1998, p. 19). Adentramos, portanto, o campo ideológico. Segundo Fiorin (1998), uma das concepções de ideologia é de “uma visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma sociedade a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica sua ordem social. Daí, podemos deduzir que há “tantas visões de mundo numa dada formação social quanto forem as classes sociais” (FIORIN, 1998, p. 29). Tal posicionamento nos ajuda a compreender a ideologia que perpassa os comentários na Direita Vive 3.0.

Tal como expõe Fiorin (1998), a ideologia é concebida como uma visão de mundo⁵. Assim, para os enunciadore dos comentários na Direita Vive 3.0, essa visão está intimamente ligada aos temas e às figuras, que direcionam a uma isotopia do antiesquerdismo e do racismo. Essa visão de mundo funciona, nos comentários, como uma forma de determinar a ordem social e, principalmente,

5 Trabalhamos, neste artigo, com o conceito de ideologia proposto por Fiorin (1998) devido à aproximação teórica, isto é, a semi-ótica. Contudo, considera-se a existência de outros conceitos do termo, sobretudo a definição de Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), que afirmam haver duas tendências gerais para a ideologia, uma de “significado fraco” e outra de “significado forte”. A primeira designa um *genus* ou uma *species* diversamente definida “dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 740). Já a segunda, de “significado forte”, é originada do conceito de Marx, compreendida como uma “falsa consciência das relações de domínio entre as classes e se diferencia [sic] claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção da falsidade: a ideologia é uma crença falsa” (BOBBIO, MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 740). Assim, no conceito fraco, a ideologia é neutra e, no segundo, tem um conceito negativo, pois denota uma falsa consciência de uma crença política.

de justificar a intolerância contra o outro. Assim, tudo que foge do padrão imposto por esses comentaristas é associado à imoralidade. Desse modo, a caracterização do *outro* – nesse caso, da esquerda e de Marielle Franco – ocorre a partir de temas e figuras, muitas vezes, pejorativos, em que o *eu* enxerga como imorais os sujeitos que não compartilham dos mesmos valores e crenças que os seus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta central que regeu este artigo foi a seguinte: qual é a relação entre a complexidade discursiva na internet, ligada à sobreposição de características da linguagem falada e escrita, e o discurso intolerante? Assim, a partir do percurso analítico realizado, podemos afirmar que os comentaristas utilizam os recursos da complexidade discursiva, sobretudo da escrita oralizada, para evidenciar efeitos de sentido que levam à exclusão do *outro*, que, nesse caso, é considerado moralmente inferior.

Para determinar esse *outro*, partimos da oposição de base identidade *versus* alteridade, em que o *eu* (identidade) é constituído a partir das ideologias da orientação política de direita. Desse modo, os enunciadorees dos comentários da *fanpage* Direita Vive 3.0 colocam-se como um grupo dominante dentro da sociedade. Esse grupo instaura uma alteridade, que é tematizada como a imoralidade da esquerda, o antiesquerdismo e, principalmente, como minimização da morte da ex-vereadora Marielle Franco. Chama a atenção, nessa última temática, a orientação para o tema do “racismo reverso”. Na perspectiva desses enunciadorees, os negros, como Marielle, prejudicam socialmente os brancos, devido à sua ascensão social.

Assim, o *eu*, os comentadorees da *fanpage*, visa à exclusão do *outro* – figurativizado no ator do discurso de Marielle Franco e no espectro político da esquerda –, revelando uma perspectiva intolerante, que, de forma preconceituosa, intenciona eliminar a alteridade, com base no julgamento negativo do outro. Logo, os enunciadorees dos comentários instauram-se como um sujeito do saber e do poder, especialmente por se valerem dos recursos da complexidade discursiva da internet, que resulta na sobreposição de características das línguas falada e escrita (BARROS, 2015).

Podemos adicionar, ainda, especificamente para o nosso objetivo de análise, o estudo da expansão do espaço nos comentários (GOMES, 2020). Dessa forma, apesar de haver recorrências de textos curtos nos comentários, levando a uma condensação, há a predominância de uma expansão no espaço, com textos em letras garrafais e imagens com tamanho alargado, sobressaindo no espaço comentário. Tal aspecto já era esperado, levando em consideração que a plataforma Facebook permite a publicação de imagens, vídeos, memes e, até mesmo, de textos com muitos caracteres.

Assim, observamos as posições intermediárias entre os pontos da fala e da escrita – como o uso excessivo da pontuação, por exemplo, as reticências, replicando pausas e silêncios nos turnos da conversação; o uso da caixa alta, imitando a entonação da voz falada; a repetição de letras, simulando o alongamento de vogais; a informalidade da linguagem, com abreviações e os erros de concordância. Essa sobreposição reforça, conforme demonstrado nas análises, a construção de temas relacionados ao discurso intolerante da imoralidade, do racismo, da minimização da morte de Marielle Franco e do antipetismo. Desse modo, as

características do discurso na internet permitem uma identificação linguístico-discursiva dos comentaristas e, sobretudo, possibilitam alcançar aspectos ideológicos presentes no texto, de modo a identificar discursos intolerantes na internet.

BETWEEN DISCURSIVE COMPLEXITY AND INTOLERANCE: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THEMES AND FIGURES ABOUT THE MURDER OF MARIELLE FRANCO ON THE FAN PAGE DIREITA VIVE 3.0

Abstract: This paper aims to analyze the relationship between the discursive complexity of discourses on the internet and intolerance regarding the constitution of otherness. We take as *corpora* comments on a fan page on Facebook, Direita Vive 3.0, concerning the murder of the former city councilor Marielle Franco, in 2018, from the perspective of discursive semiotics. The paper thematizes how discursive complexity, related to the articulation between spoken and written language, linked to the themes and figures of intolerant discourses, articulates itself in the formation of otherness. Thus, the analysis of the comments shows that it is through aspects of discourse on the internet, especially oral writing, that are constituted strategies of exclusion of the other, through figures that lead to themes such as the immorality of the other, racism, and aversion to the Workers' Party (*Partido dos Trabalhadores* [PT]).

Keywords: Discursive complexity. Discourses on the internet. Intolerance. Themes and figures. Marielle Franco.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. A complexidade discursiva na internet. *Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 13, n. 2, p. 13-31, 2015. DOI 10.21709/casa.v13i2.8028
- BARROS, D. L. P. de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, D. L. P. de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- BARROS, D. L. P. de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: XVII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA - ALFAL, 2014, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: UFPB/Ideia, 2014, v. 1. p. 3660-3671.
- BARROS, D. L. P. de. Todos temos prejuícos, pero no todos discriminamos: reflexões sobre o discurso intolerante. In: BARROS, D. L. P. de. *Margens, periferias, fronteiras: estudos linguístico-discursivos das diversidades e intolerâncias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BRØNDAL, V. Structure et variabilité des systèmes morphologiques. In: HAMP, E. (org.). *Readings in Linguistics II*. Chicago: The University of Chicago Press, 1966. p.139-146.
- BUENO, A. M. Sobre a intolerância: percursos semióticos. *Revista Entrepalavras*, v. 10, n. 8, p. 40-56, 2020. DOI 10.22168/2237-6321-7esp1796
- CÊSAR, L. de O. Esquerda do capeta: Malafaia e a retórica do asco contra a corrente política no Twitter. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS

- EM MÍDIA E COTIDIANO, 7., 2018, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2018. p. 310-319. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/wp-content/uploads/2018/10/Artigos-Completo-GT2-Anais-PPGMC-2018.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2023.
- DIREITA Vive 3.0. [s. d.]. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2020.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FREIRE, F. et al. Caso Marielle e Anderson: PM reformado e ex-PM são presos suspeitos do crime. *G1*, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/12/policia-prende-suspeitos-pelos-assassinatos-da-vereadora-marielle-franco-e-anderson-gomes.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- GOMES, R. S. Aspectualização e interação em comentários de notícias digitais. *Revista do GEL*, v. 17, n. 3, p. 119-142, dez. 2020. DOI 10.21165/gel.v17i3.2828
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MAGALHÃES, M. *Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. *E-book*.
- MARIELLE Franco. [s. d.]. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/>. Acesso em: 1º fev. 2021.
- OLIVEIRA, J. Preconceito, racismo e intolerância na morte de Marielle. 2018. Disponível em: <http://www.omorungaba.com.br/noticia/6-opinioao/3325-preconceito-racismo-e-intolerancia-na-morte-de-marielle>. Acesso em: 6 maio 2019.
- RESENDE, N. S. G. de. *Interação e intolerância em torno do assassinato de Marielle Franco nas fanpages Direita Vive 3.0 e Jovens de Esquerda: uma abordagem semiótica*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45892>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- SANTOS, M. A. M. dos. *O discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Lura Editorial, 2016. *E-book*.
- SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- TEIXEIRA, L. Contribuições da semiótica para a análise dos discursos na internet. *Entrepalavras*, v. 10, n. 8, p. 27-39, 5 mar. 2020. DOI 10.22168/2237-6321-7esp1801